

Tomasz Łychowski

Rio. Vislumbres

Rio. Przebłycki



Tomasz Łychowski

Rio. Vislumbres

Rio. Przebłycki

Organização/Wybór, oprac. i redakcja:
Anna Dworak, Anna Jamrozek-Sowa

Apresentação/Wprowadzenie:
Marcelo Paiva de Souza

Prefácio/Przedmowa:
Anna Dworak, Agata Sulikowska-Dejena



Stowarzyszenie Literacko-Artystyczne „FRAZA”
Rzeszów 2024



Rio - Varsóvia/Rio - Warszawa (guache/gwasz), 2009

Marcelo Paiva de Souza

Lugares, tempos, línguas: travessias de Tomasz Łychowski

Este volume tão esmeradamente editado convida seus leitores a múltiplos percursos e contínuos deslocamentos.

Os vislumbres da lírica – e da pintura – de Łychowski abrem caminhos, antes de mais nada, pelo espaço, por recantos e encantos mais ou menos (des)conhecidos da geografia do Rio de Janeiro, evocado logo no título da obra, e então visitado, ao longo de suas páginas, pelos toques da pena e do pincel do autor.

Vai surgindo assim uma espécie de mapa afetivo, em cuja superfície se entrelaçam e se retroalimentam, sem cessar, a observação, a lembrança e a reflexão. Como não poderia deixar de ser, portanto, as travessias a que aqui somos conduzidos também enveredam pelo tempo, pela história, tanto em escala individual como coletiva, tanto em âmbito nacional (brasileiro ou polonês) como transnacional. O agora, o outrora e o amanhã também são pontinhos na cartografia dos poemas, roteiros, errâncias.

E as trilhas que seguimos no decorrer da leitura não ficam nisso. Intercalando criações de Łychowski como poeta e como pintor, o livro põe textos e imagens em um vívido diálogo inter-artes, estabelece um sugestivo contraponto entre a poética verbal e a poética pictórica do autor.

E mais: a edição bilíngue evidencia os meandros pelos quais Łychowski transita, em seu vai e vem entre o português e o polonês, no desafiador exercício de autotradução e de reinvenção de seus próprios poemas. As delicadas operações de linguagem em jogo nesse processo – que levam, por exemplo, de um verso como “a jabuticabeira bojuda” a “rozłożyście gałęzie jabuticabeiry” – não poderão ser apreciadas por todos, evidentemente.

Mas não nos apressemos a repetir os surrados lamentos sobre o castigo divino imposto à humanidade com a “Babel

das línguas". Em seu poético zigzague *em meio a diferentes línguas*, Tomasz Łychowski parece antes dar razão à pensadora francesa Barbara Cassin, em *Éloge de la traduction* (2016): "Après Babel, avec bonheur".

Marcelo Paiva de Souza

Miejsca, czasy, języki: przeprawy Tomasza Łychowskiego

Ten pieczołowicie zredagowany tom zaprasza czytelników do wielokrotnych wędrówek i nieustannych przemieszczeń.

Przebłyski liryki – i malarstwa – łychowskiego otwierają drogi w pierwszej kolejności prowadzące przez przestrzeń, zakątki i uroki mniej lub bardziej (nie)znanej topografii Rio de Janeiro, miasta przywołanego w tytule, a następnie odwiedza nego, strona po stronie, za pomocą dotknięć pióra i pędzla autora.

Wyłania się w ten sposób swego rodzaju afektywna mapa, na której powierzchni nieustannie splatają się i nawzajem inspirują obserwacje, wspomnienia i refleksje. W rezultacie zabierani jesteśmy w podróż prowadzącą przez czas i historię, zarówno na poziomie indywidualnym, jak i zbiorowym, zarówno w wymiarze narodowym (brazylijskim lub polskim), jak i transnarodowym. Teraz, kiedyś i jutro to także punkciki w kartografii wierszy, błędzenia, wędrówek.

A szlaki, którymi podążamy w trakcie lektury, wcale się na tym nie kończą. Przeplatając poetycką i malarską twórczość łychowskiego, książka wprowadza teksty i obrazy w żywy międzyartystyczny dialog, ustanawia sugestywny kontrapunkt pomiędzy poetyką słowa a poetyką obrazu autora.

Co więcej, dwujęzyczna edycja uwydatnia meandry, po jakich porusza się łychowski, oscylując między portugalskim a polskim, w złożonym akcie autotłumaczenia i wymyślenia na nowo własnych wierszy. Delikatne zabiegi językowe składające się na ten proces – prowadzące, przykładowo od wersu „a jabuticabeira bojuda” do „rozłożyste gałęzie jabuticabeiry” – nie będą mogły być docenione przez wszystkich.

Nie spieszymy się jednak dołączając do podnoszonych lamentów o boskiej karze nałożonej na ludzkość w postaci „językowej wieży Babel”. W swoim poetyckim zygzaku *pośród różnych języków* Tomasz Łychowski zdaje się stawać po stronie

francuskiej myślicielki Barbary Cassin, która deklaruje w *Éloge de la traduction* (2016): „Après Babel, avec bonheur”.

Przełożyła: Anna Wolny

Um novo lugar na Terra

O Rio de Janeiro não é a primeira pátria de Tomasz Łychowski, é uma pátria escolhida, uma terra prometida, um lugar que se tornou seu novo lar e lhe trouxe estabilidade na vida. O poeta chegou lá, ainda adolescente, em 1949. Nascido em Angola, filho de mãe alemã e pai polonês, ele passou a infância na Polônia e na Alemanha. Grande parte de sua infância ocorreu durante os difíceis anos da ocupação alemã (por um tempo ele ficou preso com sua mãe na prisão de Pawiak, tornando-se o detido mais jovem de lá). Ele chegou ao Brasil no navio "Charlton Sovereign" com um grupo de emigrantes europeus. Em seu livro autobiográfico *Meu caminho para a lua*, ele descreve os primeiros dias em sua nova pátria da seguinte forma: "Finalmente, chegamos ao Rio de Janeiro. O navio adentra a mágica Baía de Guanabara. A visão da mais bela cidade do mundo nos tira o fôlego"¹. Esse encanto envolve e perdura, permeando a poesia de Łychowski.

Nos poemas reunidos neste volume, observamos o Rio desde o momento do primeiro contato do poeta com a cidade, a impressão de estranheza que então acompanhava o jovem imigrante, até sua completa familiarização, quando a cidade converte-se em um novo lar – "A inserção gradual da novidade / no lugar comum" torna-se "aquele pequeno, aquele luminoso / pontinho no mapa" (*O Pontinho no mapa*). O Rio é outro lar, mas Łychowski encontra um lugar para cada um deles: se Varsóvia é o maior amor de sua alma, então o Rio se torna o maior amor de seu... coração. Os papéis desempenhados pelas duas cidades em sua vida são diferentes, mas igualmente importantes. Cada uma delas constitui a identidade do poeta. "Pedacões do meu coração ficaram onde vivi fragmentos da minha vida. [...] Nas minhas veias corre o sangue que é fiel a todos esses recantos da terra", escreve Łychowski em *Meu*

¹ T. Łychowski, *Meu caminho para lua. Como sobrevivi à II Guerra Mundial*, Rio de Janeiro 2014, p. 53.

*caminho para a lua*². Embora o Rio tenha se tornado um novo refúgio para o poeta, que gradualmente se fundiu a ele como uma gota que cai no mar e se tornou parte integrante dele (*Sou*), isso não exclui a saudade do país, ou melhor, dos países da infância dele, e essas reminiscências, traços de nostalgia, estão presentes em vários textos. No poema *E do Coração*, ele fala diretamente de sua saudade de cada um dos lugares onde morou, Angola, Alemanha, "delas todas sinto saudades / por todas tenho grande carinho".

No volume *Rio – Vislumbres*, entretanto, ele traz para o primeiro plano o Rio de Janeiro e o espaço ao redor. Os poemas reunidos revelam elementos novos e muitas vezes característicos da cidade, alguns dos quais reaparecem várias vezes: o Pão de Açúcar, a Baía de Guanabara, a praia de Copacabana, a Pedra do Arpoador, Santa Teresa, a Central do Brasil e o Cristo Redentor que se ergue sobre a metrópole; eles são acompanhados pelo cheiro do mar e do sol ardente. A beleza da paisagem urbana e da natureza brasileira é complementada pela beleza das pessoas. São as pessoas que encontramos todos os dias: uma mulher que trabalha como caixa em uma padaria, meninos da favela que viajam de bonde e sorriem amigavelmente para os outros passageiros, o médico e amigo Maurício, um casal conversando na praia, uma criança tomando banho de mar, mas também amigos. E toda uma multidão de pessoas anônimas tomando sol nas areias de Copacabana e passeando pelas ruas da cidade – muitas vezes completamente diferentes umas das outras, conectadas apenas por um espaço comum. Na maneira como Łychowski descreve o mundo ao seu redor, percebe-se a grande sensibilidade do poeta: à natureza, às pessoas, pode-se ver o grande apego ao Rio e a gratidão com que, depois de várias décadas, ele escreve sobre seu novo lugar na Terra.

O que também chama a atenção na poesia de Łychowski é a afirmação do cotidiano. O poeta é capaz de ver nele o extraordinário, o poético. As obras a seguir são inspiradas por acontecimentos triviais: um passeio no bonde, a observação de um beija-flor, uma visita à clínica ou um café na padaria; palavras de conversas ouvidas por acaso formam um poema

² *Ibidem*, pp. 151–152.

na imaginação do poeta. Situações aparentemente insignificantes tornam-se o ponto de partida para reflexões sobre temas gerais – “Coisas comuns me ajudam a alcançar / outro Mundo” (*Miguel Pereira I*).

A reflexão não se limita ao presente do Rio, mas vai mais longe no tempo. Para começar, o passado não tão distante, na época da chegada de Łychowski ao Brasil. Muitos dos lugares que o poeta relembra daquele período deixaram de existir, enquanto outros fazem parte do tecido urbano há mais tempo e ainda estão presentes hoje. Por fim, elementos do espaço urbano também nos levam a refletir sobre um passado ainda mais distante. As placas com os nomes das ruas nos fazem questionar sobre aqueles cujos nomes aparecem nelas: “Quem eram eles, além de ruas?”. No espírito e nos nomes dessas ruas, o poeta vê traços da história, do velho mundo e das pessoas que viveram nele, que ainda fazem “parte do ar que respiramos” (*Sem anestesia*). De forma semelhante, os trens evocam a memória de gerações de pessoas que viajaram neles. Uma árvore que cresce no jardim evoca a ideia de que ela foi plantada ainda no século XIX pelos escravos.

O volume *Rio* leva o leitor a um passeio pela “cidade maravilhosa”, mostrando-a como ela é hoje, como foi no passado e olhando para o seu futuro. Afinal de contas, “os trilhos / os trilhos continuam”... (*Méier*). Esse Rio é ao mesmo tempo comum e extraordinário. Visto pelos olhos de um estranho que, no entanto, já faz parte desse mundo. A relação entre o poeta e o Rio é tão forte que, em um de seus poemas, ele se pergunta “Não sei o que é mais verdadeiro: / é meu o Rio de Janeiro / ou sou eu do Brasil?” (*Rio 1500/1949*). Esse volume também trata da busca de um lugar no mundo e de como esse lugar para o poeta se torna o Rio de Janeiro.

Tradução: Aleksandra Pluta



Cegonhas/Bociany (guache/gwasz), 2005

Nowe miejsce na Ziemi

Rio de Janeiro nie jest pierwszą ojczyzną Tomasza łychowskiego, jest ojczyzną wybraną, ziemią obiecaną, miejscem, które stało się jego nowym domem i zapewniło mu życiową stabilność. Poeta trafił tu w 1949 roku jako kilkunastoletni już chłopiec. Urodzony w Angoli, z matki Niemki i ojca Polaka, dzieciństwo spędził w Polsce oraz w Niemczech. Znaczna część tego dzieciństwa przypadła na trudne lata niemieckiej okupacji (przez pewien czas przebywał nawet razem z matką na Pawiaku, zyskując miano najmłodszego więźnia tego miejsca). Do Brazylii przyплыł na statku „Charlton Sovereign” wraz z grupą emigrantów z Europy. W książce autobiograficznej *Moja droga na księżyc* tak opisuje pierwsze dni spędzone w nowej ojczyźnie: „Po kilku dniach wyruszyliśmy do Rio de Janeiro. Płyniemy wzdłuż pięknego wybrzeża Brazylii. W końcu nasz statek zawija do czarodziejskiej zatoki Guanabara. Ogarnia nas urok najpiękniejszego miasta na świecie”¹. Ogarnia i trwa, przenikając do poezji łychowskiego.

W zgromadzonych w tomiku wierszach obserwujemy Rio poczynając od momentu pierwszego zetknięcia poety z miastem, wrażenia obcości, jakie towarzyszyło wtedy młodemu imigrantowi, aż po jego pełne oswojenie, stanie się nowym domem – „Nowe, obce / przeobrażone / w codzienność” staje się „malutkim, świetlistym / punkcikiem na mapie” (*Punczik na mapie*). Rio to dom kolejny, ale dla każdego z nich znajduje łychowski miejsce: skoro Warszawa jest największą miłością jego duszy, to Rio zostaje największą miłością jego... serca. Role, które odgrywają w jego życiu obydwie miasta, są różne, ale równie ważne. Każde z nich konstytuuje tożsamość poety. „Moje serce jest związane z każdym miejscem tego Bożego świata, w którym spędziłem jakąś część mego życia. [...] W moich żyłach krąży krew, która jest wierna wszystkim tym zakątkom świata”² – pisze

¹ T. łychowski, *Moja droga na księżyc*, Warszawa 2022, s. 55.

² Tamże, s. 168.

łychowski w *Mojej drodze na księżyc*. Choć Rio staje się nową przystanią dla poety, który stopniowo wtapia się w nią niczym kropla wpadająca w morze i stającą się jego integralną częścią (*Jestem*), nie wyklucza to jednak tęsknoty za krajem, a właściwie krajami lat dzieciennych i te reminiscencje, ślady tęsknoty powracają w licznych tekstach. W wierszu *A serca wprost* mówi o tęsknocie do każdego z miejsc, w którym kiedyś żył, do Angoli, Niemiec, „Tęskno mi do nich / Kocham każde tu i tam”.

W tomie *Rio – Przebłycki* na pierwszy plan wysuwa się jednak Rio de Janeiro i otaczająca je przestrzeń. Ze zgromadzonych utworów wyłaniają się kolejne, często charakterystyczne elementy miasta, niektóre powracają zresztą wielokrotnie: Głowa Cukru, zatoka Guanabara, plaża Copacabana, skała Arpoador, Santa Teresa, Central do Brasil, wznosząca się nad metropolią figura Chrystusa Odkupiciela; towarzyszy im zapach morza i prażące słońce. Piękna miejskiego krajobrazu i brazylijskiej przyrody dopełniają ludzie. To ludzie spotykani na co dzień: kobieta pracująca w piekarni jako kasjerka, podróżujący tramwajem chłopcy z faweli, którzy przyjaźnie uśmiechają się do współpasażerów, zaprzyjaźniony lekarz Maurício, para rozmawiająca ze sobą na plaży, kąpiące się w morzu dziecko, ale też przyjaciele. I cała masa anonimowych ludzi wylegujących się w słońcu na piaskach Copacabany i spacerujących po ulicach miasta – często zupełnie różnych od siebie, połączonych tylko wspólną przestrzenią. W sposobie, w jaki łychowski opisuje otaczający świat, widać ogromną wrażliwość poety: na przyrodę, ludzi, widać ogromne przywiązanie do Rio i wdzięczność, z jaką po kilkudziesięciu latach pisze o swoim nowym miejscu na Ziemi.

To, co zwraca uwagę w poezji łychowskiego, to także afirmacja codzienności. Poeta potrafi dostrzec w niej niezwykłość, poetyckość. Inspiracją do kolejnych utworów są banalne wydarzenia: przejażdżka tramwajem, obserwacja kolibra, wizyta w przychodni czy wypita w piekarni kawa; słowa podsłuchanych przypadkowo rozmów w wyobraźni poety układają się w poemat. Nic nieznaczące z pozoru sytuacje stają się punktem wyjścia do refleksji na tematy ogólne – „Zwykłe rzeczy pomagają mi dotrzeć / do innego świata” (*Miguel Pereira I*).

Refleksja nie ogranicza się tylko do teraźniejszości Rio, sięga głębiej, w przeszłość. Na początek w tę nieodległą, do momentu przybycia łychowskiego do Brazylii. Wiele miejsc, któ-

re poeta pamięta z tamtego czasu, przestało już istnieć, inne na dłużej wpisały się tkankę miasta i są w niej obecne do dziś. Wreszcie elementy miejskiej przestrzeni prowokują także do myślenia o jeszcze dalszej przeszłości. Tabliczki z nazwami ulic każą stawiać pytania o tych, których nazwiska na nich widnieją: „Kimże oni byli poza nazwami ulic?“, w duchu i w nazwach tych ulic dostrzega poeta ślady historii, dawnego świata i żyjących w nim niegdyś ludzi, którzy wciąż tworzą „część atmosfery, którą oddychamy” (*Bez znieczulenia*). Podobnie kolejka miejska ewokuje wspomnienie o pokoleniach ludzi, którzy nią podróżowali. Rosnące w ogrodzie drzewo przywołuje myśl o tym, że zasadzili je jeszcze w XIX wieku niewolnicy.

Tom *Rio* przenosi czytelnika do „cudownego miasta”, pokazuje je takim, jakim jest dziś, jakim było kiedyś, i wybiega w jego przyszłość. Szyny cały czas prowadzą przecież dalej... (*Méier*). To Rio zwykłe i niezwykłe zarazem. Widziane oczami osoby pochodzącej z zewnątrz i jednocześnie będącej już częścią tego świata. Relacja łącząca poetę z Rio staje się na tyle silna, że w jednym z utworów zastanawia się on nad tym, „co jest bardziej prawdziwe: / czy moje jest Rio de Janeiro / czy ja Brazylii?” (*Rio 1500/1949*). To także tom o poszukiwaniu swojego miejsca w świecie i o tym, jak tym miejscem dla poety staje się Rio de Janeiro.



Raíces/Korzenie (guache/gwasz), 2004